

## Os desafios docentes no ensino de leitura em turmas de 5º anos do Ensino Fundamental<sup>1</sup>

### The teaching challenges concerning work with reading in class 5<sup>th</sup> years of Fundamental Education

Poliana Bernabé Leonardeli<sup>2</sup>  
Lorryne Lucas dos Santos Alvarenga<sup>3</sup>  
Maria Eduarda Rocha da Silva<sup>4</sup>

#### **Resumo**

*O objetivo deste trabalho é analisar as dificuldades no trabalho com o eixo leitura e escuta na escola nos 5º anos a partir da experiência docente, em uma instituição pública e outra privada de Ensino Fundamental. Para atingir o resultado foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório. O método utilizado para coleta de dados foi a aplicação de um questionário a docentes com o intuito de comparar quais as dificuldades encontradas no que diz respeito à formação leitora em ambas as instituições pesquisadas. Ao final da pesquisa foi constatado que os desafios que os professores encontram no processo de estímulo à formação leitora são, a destacar: a carência de recursos em acervos, problemas na organização de bibliotecas e ausência de interesse por parte dos alunos devido à falta de incentivo de leitura em casa, sendo que esses problemas são mais aprofundados na escola pública.*

**Palavras-chave:** *Leitura. Dificuldades. Desafios. Estímulo. Incentivo*

#### **Abstract**

*This research addresses the topic of reading at school, relating it to the challenges that teachers encounter in relation to stimulating this practice. Its objective is to analyze the difficulties in stimulating reading in the 5th grade in a public and a private institution in a public and private elementary school. To achieve the objective, an exploratory research was carried out. The method used for data collection was the application of an interview with professors in order to compare the difficulties encountered with regard to reading in both institutions surveyed. At the end of the research it was found that the challenges that hinder teachers in the process of encouraging reading training are the lack of resources in collections, problems in the organization of libraries, lack of interest on the part of students due to lack of incentive to read at home.*

**Keywords:** *Reading. Difficulties. Challenges. Stimulus. Incentive*

**Recebido em:** 19/09/2020.

**Aceito em:** 18/04/2021.

---

<sup>1</sup> Os envolvidos na pesquisa não terão seus nomes divulgados no corpo do texto, todavia autorizaram previamente a divulgação da pesquisa aplicada em formato de questionário.

<sup>2</sup> Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2451-794X>.

<sup>3</sup> Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3922-3626>.

<sup>4</sup> Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2451-794X>.

## Introdução

A leitura desperta na criança curiosidade, imaginação, novas experiências e uma maneira diferente de enxergar o mundo. O Ensino Fundamental é a etapa em que os alunos se tornam leitores de forma concreta, por conta disso a escola em conjunto com os professores deve estimular, nesse período, a leitura como experiência prazerosa.

Todavia, é comum vermos crianças no ambiente escolar que não apresentam interesse em ler, o que prejudica no processo de ensino e aprendizagem desse aluno, gera-se assim, um enorme desafio aos professores, visto que tal desinteresse compromete a qualidade no desenvolvimento dos estudantes como cidadãos aptos a confrontar informações que lhe são impostas e pensar de maneira crítica a realidade ao seu redor.

Os professores se queixam em relação aos hábitos de leitura dos alunos, entretanto muitos docentes também não são leitores, desconhecem essa prática de forma efetiva e ignoram boas práticas em relação ao trabalho com leitura em sala de aula, como as pesquisas mais recentes acerca de letramento e gêneros do discurso. A falta de leitura dos educadores sobre tais assuntos pode provocar muitas dificuldades no processo de formação leitora, pois não há possibilidade de ensinar algo caso não se tenha conhecimento de métodos e teorias sobre o tema.

A presente pesquisa possui o objetivo geral de apresentar se existem dificuldades no estímulo à leitura nos 5º anos em uma instituição pública e outra privada a partir do olhar docente. Nesse cenário, é possível visualizar uma ampla dificuldade tanto por parte dos discentes que não tem o hábito de ler e não apreciam essa prática, quanto por parte da escola que não os estimulam ou faz com que esse processo não seja uma experiência prazerosa para eles. A partir dessas considerações surge a pergunta geral do trabalho: quais os desafios encontrados no estímulo à leitura?

A partir desse questionamento, parte-se da hipótese que podem ser inúmeras as dificuldades no incentivo à leitura, decorrentes da falta de recursos em acervos, do estímulo da família, de estratégias ultrapassadas de trabalho com esse eixo e da maneira como o professor se relaciona com os alunos.

A partir do problema e das hipóteses levantadas, foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico, baseando-se principalmente em autores como Freire (2003), Kleiman (2008), Koch (2008), Kramer (2001), Soares (2006), Marcuschi (1946), Zilberman (2010), . Em seguida, realizou-se uma pesquisa por meio de questionário contendo questões subjetivas em relação ao tema. O questionário foi encaminhado a três professoras dos 5º anos, sendo duas de uma escola pública nomeada de Escola A e uma de instituição privada, denominada Escola B.

A importância desta pesquisa consiste no fato de que é preciso estimular de forma efetiva os alunos à formação leitora, para que eles sejam competentes em ler e compreender o que está escrito e não apenas decifrar de modo superficial o código da escrita e a fim de incentivar a prática da leitura é necessário identificar quais os motivos que atrapalham os alunos a terem o gosto pela leitura, os desafios que os professores encontram no processo de formação leitora e a partir disso pensar em meios eficazes de reverter essa situação.

Sendo assim, uma pesquisa que apresente o tema em questão é de muita utilidade

para as escolas, professores e também para a família dos alunos, que por meio desse conhecimento poderão contribuir de forma mais eficaz no processo de construção de formação leitora nos estudantes.

### **Leitura e letramento: novas concepções de língua e discurso no ensino**

Segundo Kleiman (2004, p. 13), “[...] o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo”, por isso sua prática decorre de conhecimentos que estão armazenados na memória do leitor ao longo de suas vivências, como o linguístico, o textual e o conhecimento de mundo. A princípio, os primitivos usavam riscos em cavernas, nós em cordas, papiros, pedras entre outros para suprir suas necessidades linguísticas, ainda que leitura para eles, nesse período, não fizesse muito sentido, nasciam ali as primeiras práticas de leitura e escrita que se encontram usualmente. Fischer (2006, p. 15) ressalta essa ideia ao dizer que:

A leitura em sua forma completa surgiu quando se começou a interpretar um sinal pelo seu valor sonoro isoladamente em um sistema padronizado de sinais limitados. [...] A leitura deixava de ser uma transferência um a um (objeto para palavra) para se tornar uma sequência lógica de sons que recriasse uma linguagem natural humana. Em vez de lerem imagens, lia-se, desse modo, a linguagem.

Inicialmente, a leitura manifestava-se por meio de sinais e seus respectivos valores sonoros. Essa prática tecnicista perdurou por muitos anos, inclusive no âmbito escolar, no qual eram desenvolvidas atividades de alfabetização por meio de cartilhas, que se fundamentavam em repetição de sílabas, pelos incentivos visuais e auditivos. O recurso metodológico mais utilizado era a memorização. Não havia um contexto que fosse relacionado à vida do estudante, era apenas decodificação de código (SOARES e BATISTA, 2005)

Por muitos anos, os professores embasavam-se em conceitos mecânicos de leitura. Soares e Batista (2005, p. 53) afirmam que “[...] a entrada da criança no mundo da escrita se fazia apenas pela alfabetização, pelo aprendizado das “primeiras letras”, pelo desenvolvimento das habilidades de codificação e de decodificação”. Sendo assim, o foco era um ensino e aprendizagem voltado para letras, fonemas, formação de palavras ou frases, acreditando que somente essa prática era suficiente para se aprender ler.

Magda Soares (2006, p. 15) conceitua que “alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]”. A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas [...]”. Compreende-se que alfabetizar é somente decodificar o código, entretanto era preciso ir além de somente isso. Houve a necessidade de uma nova prática em conjunto com a alfabetização, na qual a criança aprende as diversas habilidades e competências de leitura com base em um contexto que tenha significado para o aluno.

Sendo assim, os aprimoramentos em estudos e teorias ligados ao ensino da prática de leitura foram avançando ao passar dos anos, devido às necessidades sociais e políticas. Dessa maneira, não se considerava alfabetizado o indivíduo que domina as habilidades básicas de leitura e escrita, mas sim aquele que as utiliza como uma prática social. Soares (2006, p. 39) descreve que:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Desse modo, para o sujeito ser alfabetizado, de fato, é preciso saber ler e escrever por meio de um contexto, no qual a escrita e a leitura disponham de sentidos e façam parte da vida do aluno (SOARES, 2011). Com isso, surge um novo termo representando uma condição de quem está apenas alfabetizado e quem domina o uso da escrita e leitura. Esse conceito veio com a proposta de incorporar os saberes e as vivências dos indivíduos.

O surgimento dessa nova concepção de acordo com Soares (2011, p. 29) conduziu a “[...] novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra”. Com os avanços da sociedade contemporânea, foi necessária a utilização de se criar uma ideia que contemplasse a leitura e escrita de acordo com as demandas sociais, sempre levando em consideração o contexto e o meio em que o indivíduo está inserido.

Esse novo conceito foi nomeado de Letramento pelo fato de trabalhar a importância de ensinar o aluno a ser alfabetizado de acordo com um contexto, no qual leitura e escrita façam sentido para criança. É possível que esse termo tenha sido criado após constatar que existia algo além da alfabetização, quando se percebeu que leitura e escrita são campos indissociáveis apesar de possuírem finalidades diferentes. Kleiman (2008, p. 15) argumenta do seguinte modo em relação à concepção de Letramento:

[...] começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita.

Kleiman (2008 p. 18), entende ainda que letrar é algo amplo e enfatiza a ideia que essa prática ultrapassa os âmbitos escolares ao dizer que “[...] podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos [...]”, ou seja ela faz relação com aspectos sociais que essa prática possa estar diretamente ligada.

Tendo em vista que a busca por uma definição pareça algo difícil, ainda é possível encontrar autores que seguem uma mesma lógica de explicação para o termo. Ao falar sobre a relação entre Letramento e questões sociais podemos encontrar o seguinte apontamento de acordo com Tfouni (2010, p. 23):

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo.

Com base nas perspectivas dos autores ora mencionados, é possível identificar que

a leitura e o letramento assumem uma importância muito significativa na vida do indivíduo, pois ambos possibilitam ao leitor uma visão de mundo eficiente, tornando-o um ser crítico que, de fato, ao ler um texto saberá interpretá-lo a partir de suas vivências e conhecimentos de mundo.

### Gêneros textuais e formação leitora

É possível perceber nas últimas décadas o crescimento de uma proposta de ensino a partir de gêneros discursivos, nomeados de gêneros textuais, um vez que esses textos fazem presentes nas relações sócio comunicativas. Marcuschi (1996, p. 155) define que:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Esses textos estão em circulação na sociedade e exercem função social, cada um tem uma característica própria, a exemplificar: carta, bilhete, e-mail, boleto, notícia, horóscopo, piada, mensagens no celular, entre outros. Esses gêneros são compostos de características específicas para atender às necessidades de uso no âmbito social.

Santos *et al.* (2006, p. 28) confirma o que foi dito acima salientando que “o texto não é uma entidade abstrata sem qualquer marca de identidade. Os textos não são todos iguais, não só porque têm conteúdo diferentes, mas porque se configuram como gêneros textuais diversos”. Ou seja, os textos cumprem um determinado papel na sociedade, eles possuem características próprias que os diferenciam uns dos outros. Por isso, existe uma diversidade de gêneros textuais para atender às variadas demandas do âmbito social.

Há um certo padrão que uniformiza os gêneros textuais. Azeredo (2007, p. 57) conceitua que “os gêneros textuais constituem instrumentos historicamente consagrados pela comunidade para o desempenho dos papéis sociais assumidos pelos indivíduos no quadro sociocomunicativo”. Sendo assim, esses textos são instrumentos criados pela sociedade, entretanto cada gênero tem seu papel específico no âmbito social, levando em consideração as características específicas de cada um.

Em cada sociedade existe uma configuração linguística, e ela não é estática, muito pelo contrário está sempre em constante mudanças, exigindo dos indivíduos novas habilidades de leitura. Nascimento (2014, p. 56) afirma que:

Tais mudanças requerem gradativamente habilidades mais complexas do leitor não só pelo grau crescente de competência interpretativa, mas também pela diversidade de gêneros textuais que passam a circular e fazer parte da vida do indivíduo, tanto na escola quanto fora dela.

De certo modo, essas transformações acima citadas demandam habilidades complexas, e o leitor precisa ficar atento às novas competências a serem adquiridas e à diversidade de gêneros textuais que circulam no âmbito social. Koch (2005 p. 57) aponta que o gênero textual “[...] não é absolutamente tematizado e os gêneros são estudados totalmente isolados dos parâmetros da situação de comunicação”. A escola precisa ficar alerta, pois o trabalho com texto deve ser variado e não se limitar aos tipos textuais que exploram somente a narração, descrição e dissertação. É necessário trabalhar formas de

leituras explorando os gêneros que estão em circulação na sociedade, a fim de que a prática da leitura faça mais sentido ao aluno.

Os textos têm funções práticas e estão à disposição da sociedade em diversas situações do cotidiano, como assegura Kato (1985, p. 57) “[...] o texto não apenas como unidade formal, mas, sobretudo, como uma unidade funcional, isto é, uma unidade de comunicação”. Os textos não só vinculam informações formais, mas principalmente funcionam para determinar práticas comunicativas essenciais para a inserção do indivíduo no mundo letrado.

As instituições de ensino geralmente falham por não identificar suas falhas em relação aos textos trabalhados em sala de aula. Batista (2010, p. 40) ressalta que:

[...] a escola, geralmente, trabalha com textos não autênticos, normalmente escritos para os livros didáticos e que não fazem parte do dia a dia do aluno. O intuito, nesses casos, é utilizar palavras e/ou frases isoladas com o objetivo principal de ensinar a gramática normativa. Mesmo quando os professores utilizam textos autênticos em sala de aula (reproduções de matérias jornalísticas, livros e documentos, por exemplo) limitam-se a utilizá-los como ferramentas exclusivamente metalinguísticas e não como objetos sociais.

Em meio às inovações teóricas, a escola ainda se encontra no passado, pois explora apenas os textos apresentados pelos livros didáticos, os quais, muitas vezes, não fazem parte da realidade na qual o aluno está inserido. O objetivo é ensinar frases e palavras na gramática formal, deixando completamente à parte o mundo em que o estudante vive. E mesmo quando os professores utilizam textos da realidade, usam-nos para fins metalinguísticos e não a partir de suas funcionalidades sociais.

É preciso formar alunos leitores, por meio do contato com os diversos gêneros textuais que estão em circulação no âmbito social das mais diferenciadas áreas de conhecimentos, utilizando textos que estejam de acordo com a realidade em que os estudantes estão inseridos. Schneuwly e Dolz (2004, p. 49) salienta a respeito das situações comunicativas dos educandos, pois para os autores é preciso “prepará-los para dominar a língua em situações variadas, fornecendo-lhes instrumentos eficazes [...]”. É necessário instruir os discentes a compreender a linguagem em diversos contextos, sempre concedendo a eles instrumentos efetivos para tal.

Inserir os gêneros nos trabalhados em sala de aula permite melhorar vários aspectos no educando, tais como o entendimento da subjetividade, a autonomia, a habilidade de interpretação, entre outros, que induzem o indivíduo a buscar entender o porquê das estruturas diferentes de cada gênero textual. Bazerman (2006, p. 76) argumenta que:

A familiarização com os gêneros e registros, correspondentes aos sistemas de que as pessoas participam, permite que o indivíduo, de alguma forma, compreenda a complexidade das interações e equacione seus atos comunicativos em relação às ações comunicativas de muitas outras pessoas.

O ensino por meio das variedades textuais possibilita ao estudante ampliar também os conhecimentos linguísticos, a fim de que consiga atuar reflexivamente em diferentes meios comunicativos, fazendo relação com a dinâmica dos gêneros de maneira a interagir

com a leitura e escrita. Como afirma Koch e Elias (2009, p. 74) "possibilitar ao aluno o domínio do gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola e fora dela [...]". Com isso, vê-se a necessidade de promover meios em que o aluno conheça e aprecie as características particulares de cada gênero de forma que esteja apto a produzi-los com autonomia e independência.

Sendo assim, a partir dos pontos de vista teóricos apresentados, o trabalho com os gêneros textuais para formação leitora proporciona a evolução dos conhecimentos linguísticos e textuais fundamentais para lidar com as diversas atividades comunicativas

### **Análise de dados: com a palavra, os envolvidos no processo**

A fim de complementar a pesquisa, realizou-se um questionário, o qual foi encaminhado a docentes de escola pública e privada. A partir disso, efetuou-se uma análise das percepções dos professores acerca das dificuldades para a inserção da prática leitora na rotina dos estudantes de 5º anos de uma escola da rede pública nomeada de Escola A, e de outra privada, denominada Escola B na cidade de Linhares- ES, com intuito de comparar de que maneira as Escolas A e B dentro de seus processos pedagógicos enxergam a leitura, quais os desafios encontrados para o estímulo dessa prática e se de fato há dificuldades, como as escolas os enfrentam.

Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica, com o objetivo de compreender o problema da pesquisa, quais as opiniões relevantes de alguns pesquisadores sobre o tema e entender na prática o que a teoria apresenta sobre a temática. Em sequência, foi encaminhado questionário via e-mail a 03 (três) professoras, sendo 02 (duas) referentes a Escola A e 01 (uma) da Escola B. a fim de preservar a privacidade, os nomes dos participantes serão mencionados como P1, P2 e P3. Sendo P1 e P2, professoras da Escola A e P3, docente da Escola B.

Entender sobre a opinião docente no que se refere às práticas de leitura e letramento é necessário para compreender de que maneira os professores percebem essas práticas, se há dificuldades inerentes a esses processos e como atuam em relação a eles.

Quadro 1 - Como o Letramento pode contribuir na formação leitora dos alunos?

P1	“Através do envolvimento com atividades que leve o aluno a refletir, compreender e apreciar a leitura e escrita em todas as disciplinas.”
P2	“O letramento será o ponto de partida para a inserção do aluno ao mundo letrado.”
P3	“O letramento é requisito indispensável à formação de leitores desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, pois possibilita ao leitor a compreensão do mundo, da vida e da sociedade.”

Sobre como o Letramento pode contribuir na formação leitora, a P1 salienta que é por meio de atividades nas quais os estudantes possam refletir, compreender e apreciar a

leitura e escrita em todas as disciplinas. Esse olhar converge com o de Kleiman (1995, p. 20) para quem “o Letramento é complexo e abrange mais do que uma habilidade ou uma competência do sujeito que lê. É um processo que envolve diversas capacidades e conhecimentos em relação à leitura de mundo [...]”. Dessa maneira, a prática de letrar abrange diversas áreas de aprendizagens dos alunos e não compete apenas a disciplina de Língua Portuguesa, mas todas podem colaborar com essa prática.

Por outro lado, a P2 e P3 afirmam que o Letramento é indispensável para a formação do aluno leitor e essa prática deve ser iniciada no Ensino Fundamental, proporcionando ao estudante a compreensão do mundo, da vida e da sociedade. Na visão de Soares (1999, p. 69) essa prática está além do ambiente escolar:

[...] embora ainda “analfabeta”, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita [...].

Sendo assim, a partir de Soares (1999) criança não tem seu início no mundo letrado especificamente na escola, essa prática começa a partir do momento em que ela interage com o mundo em si, com pessoas que leem, escrevem, com textos disseminados pela sociedade a listar: televisão, revistas, internet, panfletos etc. O aluno vive em um mundo letrado e as instituições de ensino precisam levar em consideração esse conhecimento prévio.

Quadro 2- Quais as estratégias o pensamento acerca do Letramento pode proporcionar para a formação leitora?

P1	“Desenvolver os planejamentos de aula contemplando os diversos gêneros textuais para que os estudantes sejam capazes de ler e compreender.”
P2	“O despertar para uma leitura rebuscada.”
P3	“O letramento desenvolve na criança habilidades de leitura e escrita, inserindo-a no mundo das letras e a instiga a ter o hábito de ler.”

Ao serem questionadas sobre quais as estratégias o Letramento pode proporcionar para a formação leitora, a P1 relata que é preciso planejar as aulas considerando os diversos gêneros textuais para que os alunos tenham habilidade de ler e compreender. De acordo com Soares (1999, p. 69):

[...] além de aperfeiçoar as habilidades já adquiridas de produção de diferentes gêneros de textos orais, levar à aquisição e ao desenvolvimento das habilidades de produção de textos escritos, de diferentes gêneros e veiculados por meio de diferentes portadores [...].

Sendo assim, trabalhar gêneros textuais deve ser considerado uma forma de efetivar no aluno o ler e compreender, não adianta expor textos para os estudantes que não fazem parte da vivência de mundo deles é necessário pensar em relação às maneiras de utilizar textos que fazem parte da realidade dos alunos, para que possa fazer sentido e de fato ter uma aprendizagem efetiva. Desse modo o professor precisa em seu planejamento ficar atento a esse detalhe, para que de maneira concreta o aluno obtenha o hábito de ler.

A P2 afirma que as estratégias de letramento despertam no aluno uma leitura “rebuscada”, essa colocação parece muito subjetiva para qualquer análise. Já a P3 salienta que o Letramento amplia a capacidade de leitura e escrita do aluno, inserindo-o no mundo letrado e influencia se hábito leitor. Esse pensamento está de acordo com Soares (2006, p. 24) quando esta diz Letramento é:

Uma variável contínua e não discreta ou dicotômica; refere-se a uma multiplicidade de habilidades de leitura e de escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de materiais de leitura e escrita; compreende diferentes práticas que dependem da natureza, estrutura e aspirações de determinada sociedade.

Nesse sentido, o Letramento auxilia no processo de ensino e aprendizagem das práticas de leitura e escrita. Desse modo, é preciso utilizar ferramentas que levem em consideração as vivências dos alunos para que a leitura e escrita sejam aprendidas de forma concreta. E a partir desse processo, o professor pode avançar com os estudantes apresentando a eles o mundo letrado. Com isso, os discentes partem do conhecimento prévio para novas aprendizagens.

Além da visão docente sobre as práticas de leitura e Letramento é necessário conhecer a visão do professor no que diz respeito a prática em sala de aula ao incentivo e a formação leitora dos discentes.

Quadro 3 - Muitos professores encontram dificuldades para incentivar seus alunos a ler. Por que isso ocorre?

P1	“Como havia dito anteriormente o aluno não tem o hábito de ler, isso não foi trabalhado nele desde de pequeno, talvez por isso torna-se um grande desafio para o professor.”
P2	“Essa questão é muita subjetiva, depende do contexto no qual o professor e aluno estão inseridos.”
P3	“O professor deve ser o maior exemplo; sempre falar dos livros que leu e contar histórias interessantes vividas nesses livros. Caso ele mesmo não tenha gosto pela leitura, dificilmente influenciará seus alunos.”

Quando questionadas em relação ao porquê muitos professores sentem dificuldades em incentivar os alunos a lerem, cada professora opinou de forma diferente. A P1 afirma que isso ocorre pelo fato de em alguns estudantes, a prática da leitura não foi trabalhada desde cedo. Kramer (2000, p. 20) declara que “[...] o leitor leva rastros do vivido no momento da leitura para depois ou para fora do momento imediato – isso torna a leitura uma experiência [...]”. Desse modo, a criança que não conhece a leitura na infância terá dificuldades em obter experiências e afinidade com essa prática, o que pode ocasionar em problemas futuros para o professor ao incentivá-lo a ler.

Já a P2 relata que é uma questão subjetiva, pois deve ser levado em consideração a realidade na qual o professor e o aluno estão estabelecidos, pois como afirma Freire (1996, p. 27), “[...] às vezes as condições são de tal maneira perversas que nem se move”. Devido à realidade na qual algumas escolas enfrentam, como por exemplo a falta de estrutura, biblioteca com acervo desatualizado, ausência de ambientes para leitura e recursos, sendo assim, provavelmente esses fatores dificultam o docente no processo de incentivo e formação do aluno leitor.

Em contrapartida, a P3 opina que o professor precisa ser exemplo de leitor para seus alunos, se o docente não possui o hábito de ler dificilmente conseguirá influenciar seus alunos. De acordo com Silva (2003, p. 28):

Aos professores, profissionais cuja responsabilidade é formar e produzir leitores por meio da educação escolarizada, a necessidade da leitura se impõe como mais forte ainda. Isto porque, caso ele próprio não seja um leitor assíduo, rigoroso e crítico, são mínimas ou nulas as chances de que possa fazer um trabalho condigno na área da educação e do ensino da leitura.

Desse modo, a partir do olhar de Silva (2003) os docentes precisam ser exemplos de leitores para que consigam influenciar seus alunos ao hábito de ler, caso o professor não tenha essa prática é muito provável que ele não consiga estimular os estudantes o gosto pela leitura. É preciso levar em consideração, que para muitos discentes o professor será o único modelo de leitor, por isso a importância desse profissional deter o hábito de ler.

Quadro 4 - Com que frequência e de que forma você trabalha a leitura com os alunos?

P1	“Trabalho a leitura todos os dias. Seleciono um livro com vários capítulos, faço um cronograma de leitura com os dias da semana e alunos que irão ler nesses dias, para ninguém ficar de fora. Início fazendo a apresentação do livro, a leitura da resenha, como forma de incentivo. Nos demais dias utilizo de 10 a 15 minutos para a continuidade da leitura desse livro e durante as aulas de Língua portuguesa faço a retomada da leitura anterior durante a roda de conversa.”
P2	“A leitura em minha sala de aula ocorre de maneira natural, procuro instiga-los a buscar informações em vários suportes disponibilizados a eles.”
P3	“Todos os dias separo um momento, mesmo que poucos minutos, para lerem algum livro da caixa de leitura. Temos um projeto de leitura onde toda segunda-feira vamos até a biblioteca e cada um escolhe um livro para ler durante a semana; na sexta-feira, cada aluno conta para os colegas a história do livro lido, despertando neles interesse e curiosidade para a leitura desse livro. No final do trimestre, o aluno que tiver cumprido a leitura todas as semanas é premiado.”

Ao serem questionadas sobre qual forma e frequência as professoras trabalham a leitura em sala de aula, elas responderam que trabalham essa prática todos os dias tirando alguns minutos da aula para dedicar-se ao ato de ler. De acordo com as autoras Silva *et al.* (2013, p. 14 e 15) “[...] as crianças devem ouvir histórias desde muito cedo. O ideal seria que a leitura fizesse parte da rotina da criança, pelo menos uma hora ao dia [...]”. Desse modo, é preciso trabalhar a prática da leitura diariamente desde os primeiros anos escolares ou até mesmo no ambiente familiar para que o aluno crie de maneira concreta o hábito ler.

Cada professor possui uma maneira diferente de trabalhar a leitura em sala de aula. A P1 seleciona o livro e elabora um cronograma com os dias da semana para que cada aluno tenha oportunidade de ler um capítulo. A docente inicia a leitura apresentando a história e lendo algumas páginas a fim de incentivar os alunos a essa prática. Silva e Lira (2003, p. 74) apontam positivamente para ações dessa natureza ao afirmar que “a criança que tem estímulo através da leitura do seu professor será com certeza um aluno leitor”. Com isso, o docente que pratica a leitura de modo rotineiro se torna exemplo de leitor para seus alunos e consegue estimulá-los de forma efetiva a também serem.

Em contrapartida, a P2 trabalha leitura em sala de forma natural, estimulando os estudantes a buscar informações em diversos suportes. Já a P3 fez um projeto com os alunos que consiste em toda segunda-feira ela leva levá-los até a biblioteca a fim de que cada um escolha uma obra para ler no decorrer da semana. Na sexta-feira, é feito roda de conversa na qual cada aluno expõe a história lida para os demais colegas. Ao final do trimestre, o estudante que cumprir a leitura de todas as semanas é premiado. Silva e Lira (2003, p. 74) acreditam que:

As estratégias didáticas mais promissoras são, com certeza, as que propõem envolver as crianças em atividades significativas, como: vivência com livros de histórias infantis e com leituras das mesmas feitas por parceiros mais experientes [...] rodas de leituras diárias, visitas constantes às salas de leituras, para ouvir, contar e inventar histórias, manuseio de livros revistas e jornais.

Desse modo, as práticas mais eficazes no que se refere ao estímulo à leitura no âmbito escolar são realizadas por meio de atividades com significados, que seja de interesse dos alunos e que incentive o hábito de ler. Com isso, o professor em seu planejamento deve buscar práxis que sejam atuais e que tenha o objetivo de despertar nos estudantes o interesse pelo ato de ler.

Quadro 5 - O que os professores precisam fazer para conseguir melhorar o nível de proficiência dos estudantes da educação básica em leitura?

P1	“Incentivar o aluno com leituras diárias, ler para seu aluno, desenvolver projetos de leitura para sua sala de aula.”
P2	“Acredito que hoje a possibilidade em se conseguir o nível de proficiência perto do desejado em relação à leitura é mais fácil, pois os acervos recebidos pelas escolas favorecem, cabe ao professor conduzir os alunos dentro da sua realidade.”
P3	“Realizar projetos ou atividades que ajudem a construir sentido a cada gênero de leitura, definir metas, dar feedback sobre o desempenho do aluno, tecer elogios diante das leituras realizadas, incentivar de forma lúdica, etc.”

Ao serem questionadas de que maneira os professores podem melhorar o nível de proficiência dos alunos em leitura, a P1 e P3 afirmam que é necessário promover projetos e atividades relacionados à leitura, com intuito de produzir sentido a prática de ler, incentivar os alunos de maneira lúdica, definir metas e dar feedback em relação ao desenvolvimento do estudante. Souza (2004, p. 223) afirma que:

[...] o professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar.

Sendo assim, é necessário que o professor e a escola priorizem o ensino da leitura por meio de atividades que despertem nos alunos o sentido dessa prática e como ela é importante. Com isso, o docente precisa ser mediador no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, levando em consideração os conceitos e teorias para elaborar o ensino da leitura de forma eficiente, lúdica e que faça sentido para estudante, despertando

assim o hábito de ler.

Já a P2 salienta que atualmente alcançar o nível de proficiência em leitura está mais fácil, pelo fato de que as instituições de ensino recebem bons acervos, basta ao professor saber conduzir seus alunos dentro da realidade na qual estão inseridos. Carvalho (2005, p. 67) salienta que:

[...] a formação de leitores em grande escala, só ocorrerá se houver uma política de leitura, traduzida na adequada formação de professores leitores, na oferta abundante de bons e variados materiais escritos, e na instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, dinamizadas por bibliotecários.

Desse modo, para formar leitores de fato é necessário que os docentes tenham o hábito de ler e demonstrem essa prática para seus alunos. É necessário que o professor leve em consideração a realidade em que os estudantes estão inseridos e quais são os seus gostos e preferências. Um outro fato importante são os espaços destinados à leitura que precisam ser organizados e disponham de bons acervos.

Quadro 6 - Como o trabalho com os gêneros textuais podem contribuir para formação leitora?

P1	“Com o desenvolvimento de atividades com diversos gêneros textuais e materiais que permitam as práticas sociais de leitura e escrita.”
P2	“Ao trabalhar a diversidade textual o aluno começa a se identificar com um ou mais gênero e a partir desse conhecimento a probabilidade da formação de um leitor tende a aumentar.”
P3	“Com a leitura e a reflexão sobre diversos gêneros textuais, como poemas, fábulas, notícias e textos científicos, além de identificar o sentido dos textos e estudar determinados temas com mais profundidade, elas aprenderão sobre as características específicas de cada um dos gêneros.”

Ao serem questionadas sobre como o trabalho com os gêneros textuais podem contribuir para formação leitora, as docentes afirmam em concordância que trabalhar a diversidade de gênero textual pode trazer um retorno enriquecedor na construção leitora do educando.

Os gêneros textuais estão presentes em vários âmbitos de caráter social, efetivamente presentes no cotidiano das pessoas, segundo Kleiman (2008, p. 20) “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será a sua compreensão”. Por essa razão, faz-se necessário propostas pedagógicas de formação leitora que conduzam a apropriação desses gêneros e suas aplicabilidades na rotina

Bakhtin (2011, p. 285) sobre esse aspecto afirma que:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Desse modo, a partir do momento que os alunos conhecerem os gêneros textuais que circulam em nossa sociedade, irão se identificar com alguns deles e terão mais interesse em ler o que é de seu gosto e isso precisa ser considerado pelo docente, para que a leitura dos textos e obras façam sentido para os alunos, com isso ele irão obter o ato de ler descobrindo suas individualidades.

Quadro 7 - No seu entendimento, qual a importância do trabalho com gêneros textuais, no que diz respeito à leitura?

P1	“O trabalho com gêneros textuais é uma importante ferramenta no processo da leitura, pois contribui com a formação de leitores críticos.”
P2	“Os gêneros textuais abrem um leque de conhecimentos, a partir da diversidade dos textos os alunos começam a compreender a estrutura e função de cada texto.”
P3	“Trabalhar com gêneros textuais contribui para o aprendizado significativo de prática de leitura, produção e compreensão.”

Ao serem questionadas sobre a importância de se trabalhar gêneros textuais de forma que contribua para a formação leitora, a P1 atribui relevância ao fato de a criticidade do aluno ser desenvolvida ao trabalhar com essas ferramentas. A P2 reforça a ideia, ressaltando que o estudo proporciona absorção de conhecimento e enfatiza que a partir de então os educandos conseguem interpretar as características de cada texto. Considerando as falas das professoras em relação aos gêneros textuais, Marcuschi (2008, p. 243) aponta algumas especificidades em relação a essa prática:

Os textos sempre se realizam em algum gênero textual particular, seja uma notícia de jornal, uma piada, uma reportagem, um poema, uma carta pessoal, uma conversa espontânea, uma conferência, um artigo científico, uma receita culinária, ou qualquer outro. E cada gênero tem maneiras especiais de ser entendido, não se podendo ler uma receita culinária como se lê uma piada, um artigo científico ou um poema. O gênero textual é um indicador importante, pois a produção e o trato de um artigo científico são diversos de uma tirinha de jornal ou de um horóscopo.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, a P3 afirma que trabalhar com gêneros textuais contribui de forma significativa para o aprendizado do aluno. Marcuschi (2002, p. 35) considera-os como “uma oportunidade de se lidar com uma linguagem em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia”. A vista disso, os gêneros textuais podem ser usados como recurso para interação e compreensão nas várias formas de comunicação.

Sendo assim, trabalhar os gêneros textuais é essencial para criar possibilidades que permitem construir novos saberes e alcançar êxito no processo de ensino aprendizagem e formação leitora. É necessário que o professor trabalhe variados tipos textos, principalmente aqueles que são de interesse dos alunos, desse modo eles terão um atrativo para ler de forma prazerosa.

## Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma análise de quais desafios podem ser encontrados no processo de estímulo ao ato de ler em relação a alunos de escolas pública e privada e também possibilidades de intervenções em vistas dessas dificuldades, sendo restrita apenas aos 5º anos do ensino fundamental.

Foi elaborado um questionário com perguntas abertas e voltadas ao tema do presente instrumento, ambas direcionadas a professoras responsáveis pelas turmas, dessa forma conseguiu-se analisar com propriedade as ideias dos autores ora mencionados no trabalho com a veracidade daquilo que é vivido no dia a dia dos âmbitos escolares.

Com êxito conseguiu-se atingir os objetivos estabelecidos no início do trabalho. Em que de forma clara, por meio de análise de dados, conseguiu-se observar as diferenças existentes entre as instituições públicas e as privadas no que tange aos hábitos de leitura. Ficou evidente que a leitura é algo essencial na vida do ser humano, e que sua prática precisa ocorrer da infância à vida adulta, porém há diversos fatores que podem interferir de forma negativa e positiva nesse processo. A boa mediação dos professores irá fazer toda diferença na formação de um bom leitor.

A hipótese apresentada na pesquisa aponta que os desafios relacionados ao estímulo à leitura podem decorrer por falta de recursos como bibliotecas bem equipadas, livros atualizados que sejam do interesse das crianças, falta de incentivo familiar, professores sem estratégias ou didática ultrapassada, a maneira como o docente relaciona-se com os alunos, sua formação continuada para atualização teórica e metodológica, a falta de interesse dos estudantes, pois mesmo em alguns, e apesar de todos os recursos, ainda há aqueles que apresentam resistência no que se refere à leitura.

No decorrer da pesquisa foi constatado que de fato existem desafios no processo de estímulo à formação leitora como a carência de recursos, bibliotecas desorganizadas, ausência de interesse por parte dos alunos e a falta de incentivo da família. Além de percebemos que a única diferença existente entre uma escola pública e particular em relação a essas dificuldades está ligada aos recursos e a organização da biblioteca que a instituição pública não dispõe e a privada possui.

Sendo assim, conclui-se que existem desafios no processo de estímulo à leitura nas instituições de ensino, tanto públicas como privadas. Entretanto, os professores tentam de todas as maneiras reverterem essa situação buscando práticas de leituras que considerem a vivência de mundo e o interesse dos alunos para que assim os docentes formem estudantes leitores de forma significativa.

## Referências

AZEREDO, J. C. de. **Ensino de Português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Cortez, 2004.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais tipificação e Interação**. Ângela Paiva Dionísio,

Judith Chamblis Hoffnagel (orgs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira et al. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre teoria e prática. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

FISCHER, R. S. **História da Leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003.

KATO, M. A. **O aprendizado da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KOCH, I. G. V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KRAMER, S. **Alfabetização – leitura e escrita**: formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2001.

KRAMER, S. Escrita, experiência e formação: múltiplas possibilidades de criação escrita. In: YUNES, Eliana. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola**. São Paulo: Globo, 1982.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 1996.

PAIS, M. P. M. B. C. **A escola e os ambientes de leitura**: concepção, percepção, motivação e emoção no contexto físico da aula e da biblioteca escolar. 2011. 281 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/8829>. Acesso em: 19 fev. 2020.

SANTOS, L. W.; CUBA RICHE, R; TEIXEIRA, C. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, B S. M. J.S.; MAXIMIANO, L X.S. **A importância da leitura**: O processo de ensino e aprendizagem da leitura no 2º ano do ensino fundamental. UniSALESIANO, Lins, 2013.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. Série Literatura em Foco. Curitiba: IBPEX, 2010.